

'Zeros e Uns', uma
ópera teatral com
dilemas periféricos

PÁGINA 2



Longa de Lav Diaz
no rescaldo do
Festival do Rio

PÁGINA 4



Pizindim grava
show em estúdio
para o YouTube

PÁGINA 6



2º CADERNO

'Investi naquilo que acredito'

Armando Babaioff
conta que gastou
todo dinheiro no
teatro e que não
possuí bens físicos

Armando Babaioff revela ter investido todo seu patrimônio no teatro e que não possui bens físicos. O ator pernambucano abordou o assunto em entrevista ao podcast Recife Ordinário. Segundo contou, o investimento em peças simboliza também sua paixão pelo teatro, que o "salvou" ainda na adolescência, quando iniciou a carreira artística em uma escola pública do Rio.

"Investi [meu dinheiro] naquilo em que acredito, que é o teatro. O teatro me salvou. Comecei a fazer teatro aos 11 anos, em uma escola pública do Rio de Janeiro. Cara, todo o dinheiro que eu ganhei, eu gastei produzindo teatro. Não tenho nada, não tenho carro, não tenho casa, não com-

prei nada, por opção, porque eu acredito que a vida do artista é uma jornada, se eu me encastelar, se o meu propósito for ter dois, três carros na garagem, o que é isso, que vida é essa? Eu vou me trancar dentro de uma casa e eu perco o contato com aquilo que é o material mais importante para o meu ofício, que é gente, que é o humano, que é a troca", declarou.

Babaioff também enalteceu o espetáculo produzido e protagonizado por ele "Tom na Fazenda", que se tornou um marco contemporâneo do teatro brasileiro. "É muito importante o que está acontecendo com esse espetáculo, porque ele tem importância na história do teatro brasileiro recente", afirmou o artista.

Criado por Armando Babaioff a partir da obra do autor canadense Michel Marc Bouchard, "Tom na Fazenda" já ultrapassou a marca de 300 apresentações desde sua estreia em 2017, com passagens de sucesso pelo Brasil e também por outros países, como o Canadá e a França.

No elenco, além de Babaioff, nomes como Gustavo Rodrigues, Soraya Ravenle e Camila Nhary, com direção de Rodrigo Portella.



Divulgação

CORREIO CULTURAL

Os apagados pela **sociedade**

Divulgação

Animação traz o lendário punk de Angeli

Animação sobre Bob Cuspe estreia na TV Brasil

A obra do cartunista Angeli pauta a edição inédita do programa Cine Resenha desta segunda (16), às 21h, na TV Brasil. A apresentadora Priscila Rangel entrevista o diretor César Cabral e o jornalista Ricky Goodwin sobre a animação “Bob Cuspe - Nós Não Gostamos de Gente” (2021), dirigida pelo cineasta.

Agora não

A Feira do Livro de Frankfurt cancelou a cerimônia de entrega de um prêmio à escritora palestina Adania Shibli. Segundo a organização do evento, o motivo foi a guerra entre Israel e Hamas. A feira procura um formato e cenário adequados para o evento.

Reage, Mingau!

Internado desde o dia 3 de setembro, o músico Rinaldo Amaral, o Mingau do grupo Ultraje a Rigor, interagiu com sua família com um piscar de olhos, de acordo com boletim médico divulgado pelo Hospital São Luiz do Itaim, da Rede D'Or.

O filme entra em cartaz na programação do canal público logo após a conversa no estúdio.

Considerada uma das animações de maior relevância no cenário nacional, a trama inspirada livremente nos personagens de Angeli retrata Bob Cuspe, uma das figuras mais famosas dos quadrinhos brasileiros.

Rapper na telinha

O remake de “Renascer” (Globo) tem mais nomes confirmados. Xamã fará par romântico com Sophie Charlotte na nova versão da novela. O rapper interpretará Damião, personagem vivido por Jackson Antunes na versão de 1993.

Contribuição

Mesmo longe, Gal Gadot encontrou uma forma de ajudar na guerra entre Israel e Hamas. A atriz israelense criou um banco de dados que pode ser alimentado com fotos e informações pessoais de compatriotas desaparecidos.

‘Zero e Uns - Uma Ópera Periférica’ aborda a invisibilidade dos tipos periféricos

Durante um dia de trabalho no trem da Supervia dois velhos (des)conhecidos se esbarram no vagão. Zero é um universitário que faz arte para custear suas passagens. E Um, vendedor ambulante que circula pelos transportes públicos da cidade. Suas ideologias se chocam e o conflito é imediato. Este é o espetáculo “Zeros e Uns - Uma Ópera Periférica” e, temprada na Sede das Cias, Santa Teresa, até domingo.

Produzido pela Belfort Produções com direção de Stephanie Dourado e dramaturgia de Pedro Fonseca a peça faz sessões nas sextas (20h), sábados com sessão dupla (18h e 20h) e aos domingos (19h).

“O espetáculo discute as diversas formas de se existir em uma sociedade que te trata como parte de uma mera estatística. O nome da peça é o nome das personagens que são apagadas ao ponto de não terem nem nomes reais (será?) Óperas são obras teatro-musicais cheias de prestígio e épicas. ‘Zeros e Uns - Uma Ópera Periférica’ conclama esse lugar de prestígio e o transporta para a periferia carioca, lugar que raramente é olhado com bons olhos”, explica a diretora.

Qual dos dois personagens será o maestro que vai conduzir essa narrativa reflexiva, verossímilante, cheia de musicalidade? E qual deles é e qual deles



Lyza Oliv/Divulgação

Dois anônimos periféricos são os personagens da peça

pode se considerar artista nesse país?, sugere a montagem.

Stephanie explica mais sobre os nomes dos personagens serem Zero e Um. “As identidades, sonhos, amores e conflitos dessas pessoas são totalmente apagadas, e elas são colocadas dentro de uma única vertente social: estatísticas. Zero é um homem preto, universitário, que pode constantemente ser associado à violência racial. Um é morador de periferia e constantemente marginalizado pela sociedade. Eles têm esses nomes porque a

violência social os fez parte de uma estatística que não para de crescer com mais zeros e mais uns em seu número total”, destaca.

SERVIÇO

ZEROS E UNS - UMA ÓPERA PERIFÉRICA

Sede das Cias (Rua Manuel Carneiro, 12, Santa Teresa - Escadaria Selarón)

Até 22/10, sexta (20h), sábado (18h e 20h) e domingo (19h)

Ingressos: R\$ 40, R\$ 20 (meia) r R\$ 15 (lista amiga)

Diáspora cinéfila

Caixa Cultural acolhe a partir de terça o FESTin, maratona cinéfila de celebração da potência poética que a língua portuguesa tem

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Acabado o Festival do Rio começa o FESTin. Uma nova edição do Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa abre suas portas nesta terça-feira, na Caixa Cultural (Rua do Passeio 38), com foco voltado em manifestações audiovisuais de diferentes sotaques que compõem o falar da Flor do Lácio.

Sua programação traz 25 títulos, quase todos inéditos na cidade, que vão estar em exibição até o dia 29, vitaminado por debates, oficinas, sessões voltadas para o público infantil. E tudo é 0800, a começar o longa de abertura, uma joiazinha das estéticas musicais de não ficção chamada “Lupicínio Rodrigues: Confissões de um Sofredor”, de Alfredo Manevy. No cardápio voltado pra gente miúda tem a animação mineira “Chef Jack - O Cozinheiro Aventureiro”, assinada por Guilherme Fiuza Zenha.

No empenho de valorizar a ampliação da presença feminina nas telas, o evento – arquitetado por Léa Teixeira e Adriana Niemeyer, suas diretoras – recheou sua grade de títulos dirigidos por mulheres. Um deles é “Elle, Marielle Franco”, de Liliane Mutti e Daniela Ramalho, filme ensaio centrado na ausência que a vereadora e ativista das lutas antirracistas e da batalha contra a homofobia deixou em nós, após seu bestial assassinato, ainda cercado de impunidade. Nesse curta, a voz de Marielle alterna com a voz de dor da sua mãe, Marinete, e de seu pai, Antônio. Já “Através dos Seus Olhos”, de Sonia Guggisberg, registra um sonho de amor vivido a distância entre uma brasileira moradora da Ceilândia (DF), filha de um pastor evangélico, e um iraquiano de origem curda islâmica, que mora em um campo de refugiados na Grécia. Merece destaque também o trabalho do diretor cabo-verdiano Guenny K. Pires, que está na Mostra com o “O Último Desejo do Vulcão”, sobre contação de histórias numa pequena al-



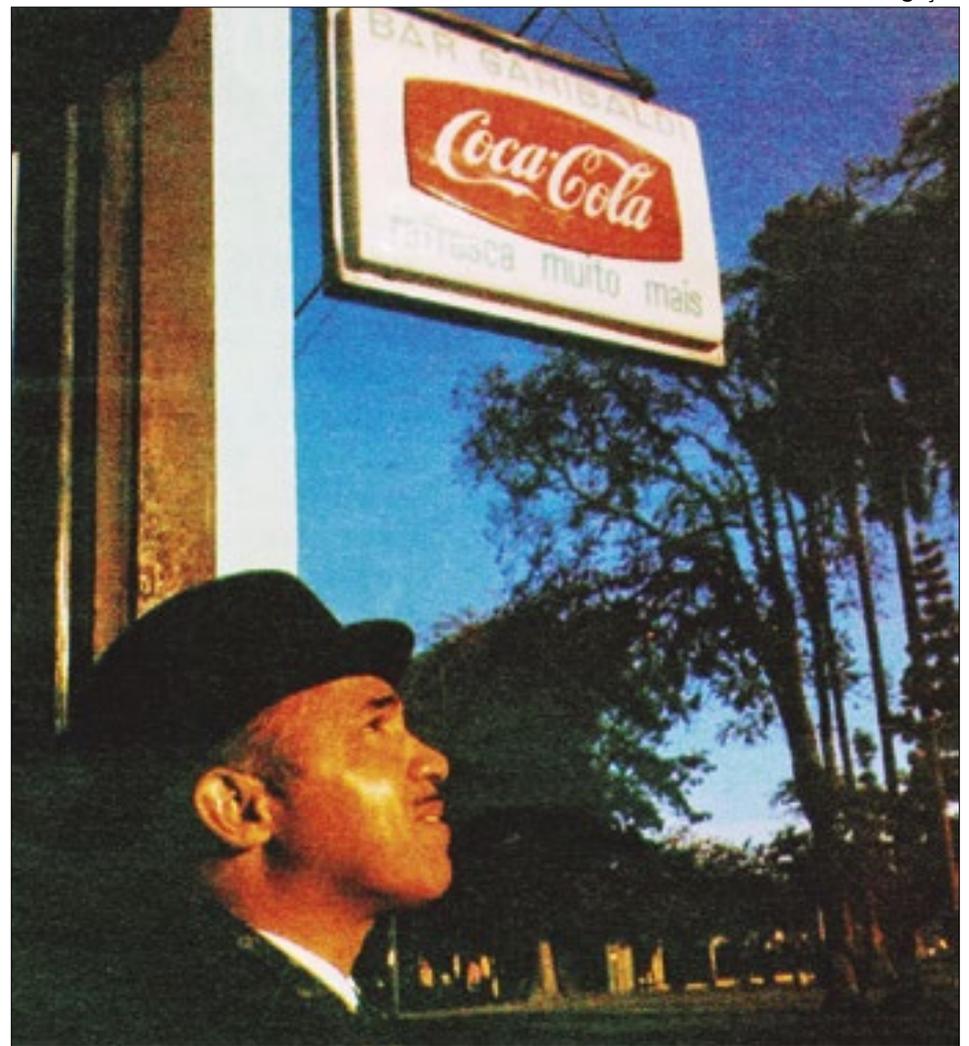
‘Elle, Marielle Franco’ é centrado na ausência da vereadora e ativista assassinada no Rio

deia africana.

Na entrevista a seguir, Léa e Adriana dimensionam o perímetro simbólico do evento.

Qual é o maior desafio de se montar uma seleção de curtas e longas que ilustre a potencialidade da língua portuguesa em todas as suas variantes? Que norte a seleção tem?

Léa Teixeira: O maior desafio é definir, entre muitos bons filmes disponíveis, aqueles que retratem de forma equilibrada essas diferentes variantes e que também sejam culturalmente representativos e artisticamente significativos. Além disso, é importante considerar a diversidade de temas, estilos e abordagens criativas que podem ser encontradas dentro da produção cinematográfica lusófona. O norte da seleção deve ser a promoção da diversidade linguística e cultural da língua portuguesa. Isso significa incluir filmes que explorem não apenas as diferenças linguísticas, mas também as histórias, tradições e perspectivas únicas de cada país lusófono. A seleção deve ser inclusiva, representativa e independente, de modo a oferecer uma visão abrangente da riqueza da língua portuguesa.



‘Lupicínio Rodrigues: Confissões de um Sofredor’, de Alfredo Manevy, abre a programação

Adriana Niemeyer: Recebemos milhares de curtas de todos os países de língua portuguesa e esta categoria acaba sendo mesmo a mais difícil para a curadoria. Principalmente pensando nas itinerâncias que o festival faz durante o ano. É muito difícil selecionar, pois a gama de produção é sempre muito boa, mas a tendência é dar prioridade ao que abordem temas mais universais.

Qual é o perfil de público do FESTin, quantos espectadores vocês costumam reunir anualmente, e que tipos de debates mais norteiam o festival?

Léa Teixeira: O Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa (FESTin) é conhecido por atrair um público diversificado, incluindo cinéfilos, amantes da cultura lusófona, profissionais da indústria cinematográfica e o público em geral interessado em explorar o cinema produzido nos países lusófonos. O número de espectadores varia em cada edição. É difícil de contabilizar pois fazemos muitas itinerâncias anualmente.

Adriana Niemeyer: Acho que o FESTin é o festival que mais abrange um público de perfil variado. Este retrato é facilmente perceptível

durante as nossas festas, onde reunimos desde grandes empresários, políticos, embaixadores e artistas de renome, a estudantes, imigrantes, crianças e pessoas da terceira idade. Não existe um nicho. Costumamos dizer que se trata da maior “Festa do cinema em português”. E a festa é mesmo para todos. Tanto é que a maioria dos debates gira em torno da inclusão social e da diáspora.

Que desenho estético de Brasil se faz notar pela programação deste ano?

Léa Teixeira: Um país alegre, inclusivo, musical e repleto de esperança, mas consciente de que há muitos problemas a serem enfrentados e sanados em nossa sociedade. E as artes têm esse papel a contribuir para uma transformação social, com todas as simbologias culturais.

Adriana Niemeyer: Diversidade. Esta é a palavra que mais define toda a programação do FESTin 2023. Acho que foi a seleção mais variada dos últimos 14 anos de existência do festival. E muito desta diversidade se deve ao Brasil. O cinema brasileiro tem sido mais ousado e corajoso, revelando as feridas mais profundas e contrastantes da nossa sociedade. Não existem mais tabus e se vive nas telas a verdade nua e crua das nossas mazelas, bem como a arte, a beleza e a criatividade do povo brasileiro.

Repescagem à moda filipina

Divulgação



Festival do Rio terminou domingo, mas deixou uma prorrogação de seu garimpo estético ativa nas salas de exibição até quarta, com direito a longa novo de Lav Diaz



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Acabou o Festival do Rio, mas a repescagem do evento começou, e vai até quarta, com sessões no Estação NET Botafogo 1 e no Estação NET Rio 4, que inaugura o rolê à moda filipina, com “Verdades Essenciais do Lago”. É a grife de Lav Diaz quem abre as portas da esperança pra quem almeja uma segunda chance de se refestelar com o evento.

Apesar de ter 215 minutos de duração

– mas são 215’ de um preto e branco acachapante, capaz de tirar o olhar da mais atenta plateia de seu norte -, o thriller político e existencialista batizado mundialmente como “The Essential Truths Of The Lake” passa num piscar de olhos. Ele concorreu ao Leopardo de Ouro de Locarno, em agosto. É um dos títulos mais aclamados de uma carreira iniciada em 1998 e já coroada com um Leão de Ouro – dado a ele em 2016, por “A Mulher Que Se Foi”.

“Não se trata um filme com inércia, mas como resistência”, disse Diaz ao Correio da Manhã durante sua passagem por Locarno durante o festival promovido na cidade suíça.

“É muito incômodo perceber que as pessoas entendem a palavra ‘cinema’ como algo associado a uma manifestação de duas horas de duração ou de uma hora e meia de reviravoltas formatadas pelo mercado sob uma lógica contínua de causa e efeito, na qual as

sensações se amontoam para conduzir o espectador a uma certeza. As pessoas vão ao cinema para descobrir quem matou quem, quem roubou quem, quem tem a chave para o enigma. Eu venho de um país cheio de conflitos. Conflitos que já levaram muitas pessoas à morte. Você realmente acredita que existam ‘respostas’, ‘verdades’ na arte que vem de uma realidade como a das Filipinas? E mais... você acha que isso é um problema só da minha nação?”, questiona o realizador.

Capaz de emplacar dois longas (de cerca de quatro horas de duração cada) num período de dez meses, o diretor de 64 anos despertou paixões e polêmicas no festival nº 1 da Suíça com uma trama investigativa.

Nela, o tenente Hermes Papauran (John Lloyd Cruz) luta para desvendar um crime que assombrou seu país há 15 anos, à beira de um vulcão.

“O preto & branco entra na minha arte como um efeito de linguagem: o cinema precisa suspender a realidade para exumá-la. E a direção é distendida para que cada sequência, ou melhor, cada plano possa ser apreciado em todos os seus detalhes, desde o movimento dos atores até a lei física por trás do vento nas folhas. Eu não corro pois não faço produtos. Faço propostas de transcendência, o que depende da troca livre com o espectador. Cinema não é negócio, é ritual”.

Sua engenharia de produção surpreende distribuidoras, redes exibidoras e cadeias de produção: “Filmo muito por conseguir filmar barato, com equipes pequenas, sem perder tempo no set”, explicou Lav. “Cada longa que eu faço custa cerca de 5 milhões de pesos filipinos, o que, na conversão bruta, dá cerca de US\$ 90 mil. Existem salas de cinema nas Filipinas, mas elas não exibem o que a gente faz, por estarem tomadas por blockbusters. Por sorte, temos bons festivais. Recentemente sofri censura de um festival local, mas entendi perfeitamente o lado deles. O governo ia negar financiamento a eles se exibissem uma produção minha que consideravam contrária ao regime. Explicaram-me o caso e eu entendi”.

Nesta segunda, a Repescagem do Festival mobiliza o Estação NET Botafogo 1 com “Os Homens que Eu Tive”, de Tereza Trautman, às 14h; com “Não Abra!”, de Bishal Dutta, às 16h30; com o premiadíssimo “O Sabor da Vida”, de Tràn Anh Hùng (láurea de Melhor Direção em Cannes), às 21h30. Na terça, o Estação NET Rio 4 exibe o saboroso “Menu Prazer - Les Troisgros”, de Frederick Wiseman, às 18h30. Na quarta, a mesma sala projeta o díptico lisboeta “Mal Viver” e “Viver Mal”, de João Canijo, a partir de 18h30.

Rodrigo Fonseca



‘As Verdades Essenciais do Lago’ levam as Filipinas ao Estação pelas lentes do premiado Lav Diaz

Às vésperas da estreia de 'Assassinos da Lua das Flores', Estação NET Rio faz sessão de 'Os Bons Companheiros' para celebrar a força autoral de Martin Scorsese

O bom companheiro dos filmes

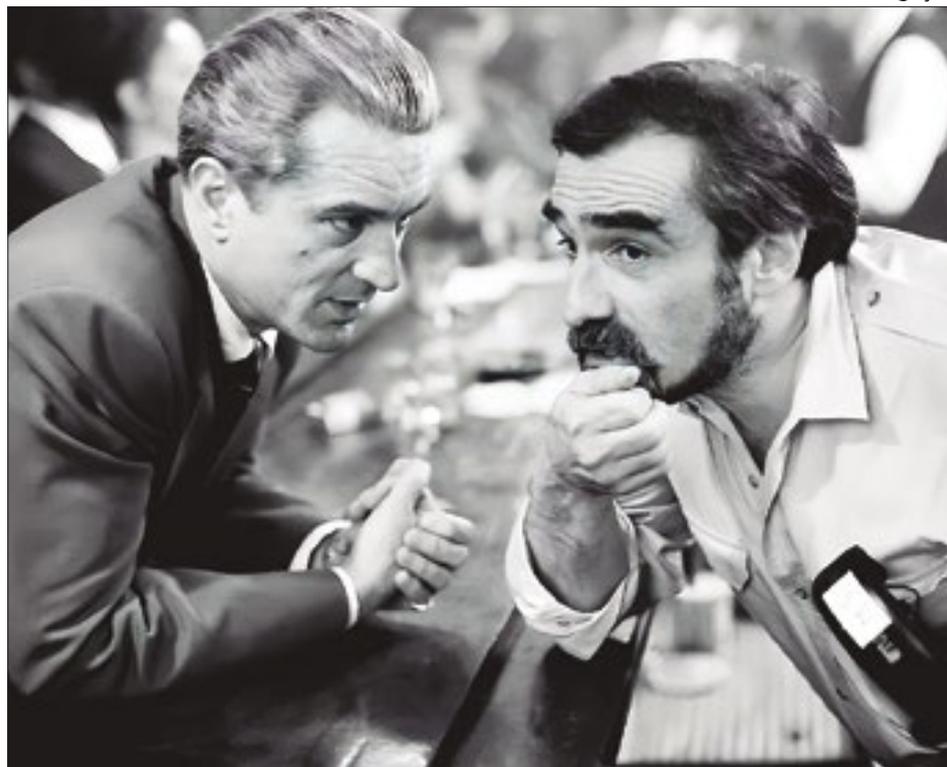
Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Só o fato de trabalhar novamente com seus musos (Robert De Niro e Leonardo DiCaprio) já fez Martin Scorsese tratar "Killers of the Flower Moon" – que estreia aqui na quinta, com o título de "Assassinos da Lua das Flores" – como um espaço de afeto, e não apenas como mais um filme, em sua obra.

"De Niro e eu nos conhecemos desde os 16 anos e, agora, estamos numa idade em que a gente se liga para falar de dores novas que estamos sentindo ou de algum cansaço que não fazia parte de nossas rotinas quando Nova York era um mar de criatividade aberto a nós", disse o mítico cineasta em palestra no 17º Festival de Marrakech, em 2018, onde foi homenagear seu velho amigo, que protagonizou sua Palma de Ouro ("Taxi Driver") e um longa divisor de águas em sua obra: "Os Bons Companheiros" ("Goodfellas").

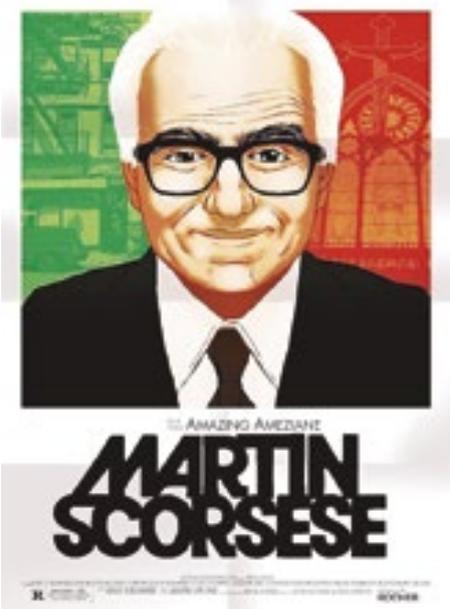
Nesta quarta-feira, às 19h, na Estação NET Rio 5, a produção de US\$ 25 milhões será exibida e debatida num evento organizado pela plataforma de conteúdo audiovisual SETxSE7E, idealizada e comandada pelo carioca Gustavo Valente.

A projeção no tradicional cinema de Botafogo fecha o ciclo de homenagens da plataforma a Scorsese, que tiveram início no perfil no Instagram (@setporsete), com posts que trazem curiosidades sobre a obra do diretor e comentários sobre clássicos "Touro Indomável" (1980). E, no site setporsete.com.br, Gustavo faz a resenha de alguns destes filmes. Ele vai estar no debate ao lado do mítico cineasta Carlos Diegues, do realizador e produtor cultural do Estação NET Rio Cavi Borges, do ator Nelson



Divulgação

Divulgação



A vida e obra do badalado cineasta ganhou versão em quadrinhos

Os velhos amigos Robert De Niro e Martin Scorsese no set de filmagens de 'Os Bons Companheiros', que ganha exibição esta semana no Estação NET

Freitas, do músico André Paixão e deste que vos tecla.

Classificado por Francis Ford Coppola (que prepara "Megalópolis" para 2024) como o maior cineasta vivo, Scorsese tomou as telas de assalto a partir de 1959, com o curta-metragem "Vesuvius VI", e engatou uma produção avassaladora de longas a partir de 1967, com "Quem Bate À Minha Porta?".

Recentemente, sua trajetória inspirou o artista gráfico Amazing Ameziane a recriar detalhes do passado do realizador nova-iorquino em uma narrativa biográfica

quadrinhizada. Ameziane, que biografou a militante Angela Davis em uma HQ já lançada no Brasil, contou com o primoroso trabalho da Editions du Rocher para publicar sua reinvenção dos feitos cinematográficos de Scorsese. Nas 384 páginas de "Martin Scorsese: Roman Graphique", Ameziane traduz em desenhos exuberantes os bastidores da cruzada do diretor para fazer cinema a partir de uma série de influências do neorealismo italiano.

O mais curioso é o fato de a publicação desse gibi ter sido dois anos depois de Marty (o apelido pelo qual Martin é chamado em Hollywood) ter declarado que filmes de vigilantes mascarados da Marvel não são cinema com "C". Esse episódio entrou na HQ francesa, que revive a amizade do cineasta com De Niro, desde a juventude, e sua trajetória na chamada Nova Hollywood, o movimento que redefiniu as bases políticas do audiovisual nos EUA entre 1967 (com o fenômeno popular de "Bonnie & Clyde - Uma Rajada de Balas", de Arthur Penn) e 1981 (com o fracasso de "O Portal do Paraíso", de Michael Cimino).

"Há cifras muito altas em torno de 'Homem-Aranha', 'Batman' e esses super-heróis todos, mas filmes ousados de diferentes países, feitos com pouco dinheiro, andam sem espaço. Festivais como este devem ajudar essas produções a encontrar seu público", disse Scorsese em Marrakech, para uma plateia lotada, em um papo triangulado por uma dupla de diretores do Marrocos (Laila Marrakchi e Faouzi Bensaidi).

Estima-se que "Assassinos da Lua das Flores" possa levar Scorsese ao certame do Oscar, com uma trama de faroeste indigenista, apoiada num desempenho elogiado de Lily Gladstone sobre o destino crepuscular de uma civilização, na virada do século XIX para o XX nos EUA.

CANTO DA CRÔNICA

LUÍS PIMENTEL
JORNALISTA E ESCRITOR
luispime@gmail.com

Sorrisos

Na recepção do grande hospital, duas menininhas – entre seis e sete anos – em tratamento contra o câncer.

Estão sentadas lado a lado. Uma já inteiramente careca, a outra ainda cultivava uns fiozinhos.

A que já não os possuía alisava a cabeça da outra, dedos delicados entre os fiapos, misto de admiração e ternura.

Elas sorriam.

Creiam. Aquelas menininhas sorriam uma para a outra, como se a vida fosse apenas aquele instante.

...

Era um homem-tronco. Ou tronco-homem. Ou homem. Ou tronco. Não sei bem definir. Um meio-corpo, da cintura para cima – lembrava personagem que me impressionou em vigoroso filme norte-americano, um mutilado da guerra do Vietnã – com braços e mãos, embora sem pernas, sempre estacionado sobre um carrinho de madeira, movido a rolimãs.

Pedia contribuições no Centro do Rio de Janeiro, no quarteirão da Graça Aranha que fica entre Almirante Barroso e Araújo Porto Alegre, preferencialmente na calçada do Teatro Ginástico. Eu não entendia o inacreditável sorriso (inacreditável para mim, claro, não para ele) sempre estampado no rosto. Para lá e para cá, empurrando com as mãos o carrinho que já era parte do seu corpo, com maestria e velocidade admiráveis.

Não sou de dar esmolas, mas um dia, comovido, estendi uma nota bem generosa. E ele, sorriso estampado na cara, suor e energia de sobra no pedaço de corpo que valia por muitos:

– É?! Tem certeza?

Balancei a cabeça afirmativamente. E ele, encarando o engraxate seu amigo, que fazia ponto na esquina:

– Viu aí?! Vou reclamar de quê?

E acelerou o carrinho. Sorrindo, claro.

...

Ah, um sorriso. A irresistível força de um sorriso, capaz de remover montanhas, obstáculos, mau-olhado e cara amarrada.

...

Não vi (quem viu foi o cego), mas me contaram:

Na subida da colina que dá acesso à Igreja do Senhor do Bonfim, o cego de óculos escuros e bengala entre as pernas, acocorado, estendia o chapéu.

Um esperto parou diante dele e meteu a mão no chapéu, como se fosse depositar um dinheiro. Na verdade, pescava uma nota para surrupiar, quando o pedinte desferiu um tapa certeiro na mão do oportunista, que se afastou ligeiro.

Sujeito que vinha logo atrás perguntou:

– Como o senhor percebeu que ele pegava o seu dinheiro?

E o ceguinho, sonso:

– Oxente! Eu senti... – respondeu, sorrindo.



Rodrigo Carneiro, Rafael Esteves, Emerson Bernardes e Claudinho Martins formam o grupo

O choro que atravessa gerações

Quarteto Pizindim registra ao vivo em estúdio a íntegra de shows realizados em palcos de São Paulo mesclando temas autorais e choros eternos de craques do gênero

Depois de um ousado projeto que circulou por teatros do estado de São Paulo, o Quarteto Pizindim coroa essa trajetória com o lançamento de “Memorando”. O vídeo é um registro completo do show que os músicos promoveram para celebrar a diversidade e a riqueza da música instrumental brasileira em parceria com a PiÔ produção e projetos. Agora, o espetáculo chega a todos para cumprir sua proposta de democratização do acesso a algumas das mais icônicas composições da nossa música.

“Memorando” é um regis-

tro ao vivo, gravado em estúdio, do repertório do espetáculo que percorreu diversas cidades paulistas com o apoio do ProAC. O nome, não por acaso, é também o do mais recente disco de estúdio do Quarteto Pizindim. Seu show é uma celebração da música instrumental e traz um repertório que atravessa gerações, com composições autorais (mostrando a vitalidade deste gênero urbano e brasileiro), parcerias e clássicos de nomes como Radamés Gnattali, Pixinguinha, Jacob do Bandolim e muitos outros.

“É uma jornada musical que abraça o choro, o samba e outros estilos, proporcionando uma

experiência única e agora disponível gratuitamente para todos”, destaca Rodrigo Carneiro (viola de 7 cordas).

Além de Rodrigo, o Quarteto Pizindim é formado Rafael Esteves (bandolim), Emerson Bernardes (cavaquinho) e Claudinho Martins (percussão).

Este lançamento marca o compromisso do grupo em tornar a música instrumental acessível a todos os públicos, além de educar e inspirar as gerações futuras.

Com dois álbuns de estúdio em sua carreira, o Pizindim cresceu na Zona Leste de São Paulo, e essa origem se reflete em sua música, que carrega a influência das regiões menos abastadas da cidade. Eles acreditam na importância de valorizar e compartilhar essa riqueza cultural, e o lançamento do vídeo “Memorando” é um atestado desse comprometimento e versatilidade do Quarteto Pizindim.

CRÍTICA / RESTAURANTE / NÔA GASTRONOMIA COSTEIRA

Maria Aída Cariello/Divulgação

Longa vida à comida de excelência

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Variação do nome hebraico e bíblico Noé, Noa significa “descanso”, “repouso”, “de longa vida”, com origem no patriarca que fez as vidas sobreviverem na arca. Autodenominado como de gastronomia costeira, o restaurante, na verdade, apresenta uma cozinha que oferece pratos veganos, massas, pescados de todos os tipos e carne. Como a arca, abraça todos os gostos em menu inspirado no Mediterrâneo, no qual a tônica é o acerto.

Às Sextas e sábados encon-

tram-se ostras de Santa Catarina. Provamos as duas opções, cruas e no vapor, carnudas, com o leve sabor que mistura o adocicado e a lembrança do mar. Cozidas no vapor do sal grosso, como nos ensinou o Chef Mauricio Ferrari. Ms. Denise, italiana/paulista/carioca, pediu a Frittata de frutos do mar. Cortados em pequenos pedaços, camarões, lulas e polvo estavam perfeitamente fritos, crocantes, secos e dourados. Caipi de uva roxa com limão siciliano e tomilho

Como principais, tivemos um de cada espécie. Camarões VG com espuma de ostra e spaghetti fresco. Os camarões, enormes, raros de se encontrar que são forneci-



Spaguetti com espuma de ostra e camarão VG

dos por Peixoto Deli, fresquíssimos e fritos à perfeição. Acompanha o spaghetti ao dente, produzido na

casa assim como os pães, doces e os gelatos. Ms. Denise pediu o fillet mignon em crosta de castanha

ao demi glace (24h de fogo), com shitake salteado, rabanetes orgânicos, pure de café. O filé alto, com o coração mal passado, de cortar de colher de tão macio.

De sobremesa fomos de tarta de queijo basca, cremosa torta de queijo com calda de goiabada e gelato de queijo. É de vencer qualquer tempestade. Tudo foi acompanhado por um branco siciliano, de ótima relação qualidade/preço. Os timoneiros foram Wilton, sommelier; Léo que nos serviu e Roger, barman, todos atentos, gentilíssimos. A casa, comandada por Ricardo Stern, que “inventou” o conceito de bem estar, ambiente agradável, com cardápio diferenciado e produtos de primeira, terá, com certeza, vida longa.

SERVIÇO

NÔA GASTRONOMIA COSTEIRA

Rua Garcia d'Avila 135 - Ipanema

De segunda a domingo, a partir das 18h.

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Chocolate premium

Tradicional marca de chocolates de Gramado (RS) comemora 47 anos de puros sabores. E, para celebrar a data, lançou uma linha autoral de chocolates premium em homenagem ao seu fundador, Enor Francisco Terres da Luz, mais conhecido como Chico da Lugano. Os sabores únicos e artesanais estão nas barras, trufas e bombons, com percentagens de cacau, crocantes, musses, canela, hortelã. Chico, meu filho, deu o veredito, escolhendo os premiums dos premiums: avelã com flor de sal e o de pistache. <https://www.chocolatelugano.com.br>



Lugano



Charlotte

Tradição em salgadinhos

O melhor de todas as festas são os salgadinhos. Fritinhos, ao forno de todos os sabores. A Charlotte Rio tem receitas exclusivas como bobó de camarão, bolinho de bacalhau à Zé do Pipo, polenta recheada, acarajé, coxinha de costela ao barbecue. Até quibe com brie. Agora lançaram a linha de fritura, com deliciosos bolinhos de bacalhau, bolinhas de queijo, coxinhas, kibes, empanados de salsicha, que só se precisa esquentar. Além de gostosos, bem temperados, no tamanho ótimo, a entrega é ótima e tudo vem perfeitamente embalado. www.charlote.com.br

O campeão belga

O prato nacional da Bélgica são as moules frites, mexilhões ao molho com batatas fritas. Mais um gênero, do que um prato, propriamente dito, tem inúmeras variações. O chef bretão Didier Labbé nos apresenta um clássico: mexilhões, de ervas, fritos ao molho velouté



Didier

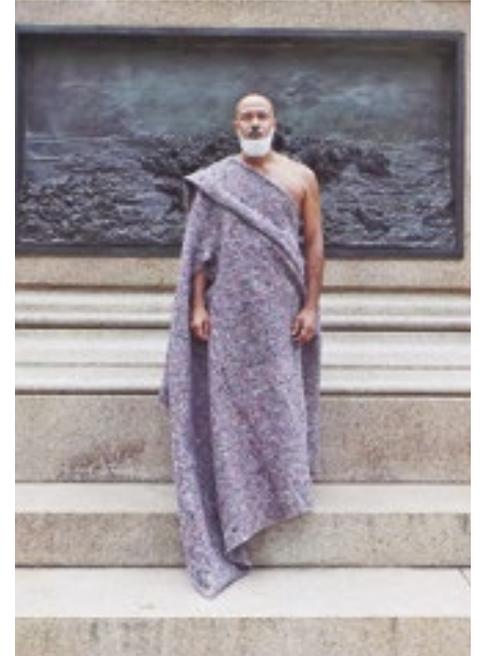
(farinha de trigo com manteiga para engrossar o caldo claro de peixes. As fritas crocantes no tamanho clássico; os mexilhões na casca, tenros, o molho de se mergulhar pão e as batatas. É para, como os belgas, harmonizar com uma cerveja gelada. O Didier fica na Rua Vinícius de Moraes, 124/A - Ipanema.

Corpos ressignificados

Artista visual catarinense Sérgio Adriano H expõe sua produção mais recente na exposição 'desCOLONIZAR CORPOS', que abre nesta terça na Caixa Cultural Brasília



Fotos de Sérgio Adriano H



A Caixa Cultural Brasília apresenta, a partir desta terça-feira (17) a exposição "desCOLONIZAR CORPOS", do do artista visual catarinense Sérgio Adriano H, que problematiza o que a história apresenta como verdade nos processos vividos pela população negra no Brasil.

A mostra traz 30 obras da produção mais recente do artista. Sérgio Adriano H propõe pensar nas histórias não contadas, apagadas e silenciadas de pessoas negras. Para tanto, apropria-se de livros, objetos e imagens onde o povo negro aparece, mas não como agente da história, e os ressignifica a partir da noção de pertencimento e de protagonismo.

A exposição fica na Caixa Cultural Brasília até 17 de dezembro.

"Em 'desCOLONIZAR CORPOS', Sérgio nos apresenta obras que tensionam as dualidades e contestam as barbaridades, realiza mapeamentos de palavras e imagens que permeiam o universo da discriminação e perpetuam os desacertos entre a história ocultada e a história dada na significação da sociedade brasileira", aponta a curadora Juliana Crispe.

Sujeito contemporâneo, Sérgio, segundo a curadora, proclama em sua produção mudanças estruturais, desloca as classes, as culturas identitárias, a sexualidade, os gêneros, as etnias, as raças e a nacionalidade. "Retira a solidez das fronteiras entre a multiplicidade dos corpos e aponta outros modos de ver sua ancestralidade, suas ânsias, para criar maneiras de narrar a própria vida", descreve a curadora.



Imagens da exposição 'desCOLONIZAR CORPOS' em que o fotógrafo Sérgio Adriano H, que trata dos processos de exclusão vividos pela população negra no Brasil



A partir desses paradigmas, o artista, que também é performer e pesquisador, questiona, como ele mesmo conceitua, os "sistemas de verdade" ou a "verdade apresentada" que funciona a serviço do poder, da economia, das religiões ou dos grupos que se perpetuam no topo da pirâmide social.

Neste giro decolonial, o artista insere

os visitantes em um movimento que consiste em olhar para a história sem negá-la, porém, interrogando-a e sugerindo novos sistemas. "Não é um novo universo que se apresenta como verdadeiro, mas que busca, sobretudo, interrogar os universos previamente existentes, fazendo com que deixem de ser referências incontestáveis ou as úni-

cas legitimadas", discorre Juliana.

SERVIÇO

desCOLONIZAR CORPOS
CAIXA Cultural Brasília (SBS Quadra 4 Lotes 3/4)

De 17/10 a 17/12, de terça a domingo (9h às 21h) | Entrada franca